

2 de Abril e a Conexão Azul: o uso da tecnologia como experiência comunicacional e cultural entre grupos que vivem o autismo

April 2 and the Blue Connection: the use of technology as a communicational and cultural experience among groups living with autism

Igor Lucas RIES¹
Isabela Cavallin DEMETERCO²

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que proporciona a aproximação de grupos de indivíduos, às vistas de ressignificação e reconhecimento, bem como pela troca de experiências vividas no cotidiano. Neste contexto social e cultural, intensificado pelo uso dos dispositivos tecnológicos e redes sociais, os sujeitos têm promovido práticas interacionais, testemunhais e reivindicações. Este texto reflete sobre o uso da tecnologia como forma de experiência cultural entre grupos que vivem o autismo. Indica que a experiência é compartilhada através do uso da tecnologia, bem como defende que a conexão acontece na vida e no cotidiano. A abordagem teórica permeia noções de cultura e experiência comunicacional para a reflexão tecnológica. Como objeto empírico, analisa-se uma postagem de *Facebook* do apresentador Marcos Mion com seu filho, Romeo, em 2 de abril de 2016, dia mundial de conscientização do autismo.

Palavras-chave: Tecnologia. Autismo. Cultura. Experiência. Comunicação.

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a condition that provides the approximation of groups of individuals, the views of reframing and recognition, as well as the exchange of experiences lived in the daily life. In this social and cultural context, intensified by the use of technological devices and social networks, the subjects have promoted interactional practices, witnesses and claims. This text reflects on the use of technology as a form of cultural experience among groups living with autism. It indicates that experience is shared through the use of technology as well as advocates that the connection happens in life and in the everyday. The theoretical approach permeates notions of culture and communicational experience for technological reflection. As an

¹ Mestrando em Comunicação em Linguagens - Linha de Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais - pela Universidade Tuiuti do Paraná PPGCOM - UTP, membro do Grupo de Pesquisa Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais INCOM - UTP.

E-mail: igor.lucas@uol.com.br

² Mestranda em Comunicação e Linguagens - UTP. E-mail: isacavallin@hotmail.com

empirical object, we analyze a Facebook post from the presenter Marcos Mion with his son, Romeo, on April 2, 2016, World Autism Awareness Day.

Keywords: Technology. Autism. Culture. Experience. Communication.

Introdução

O autismo, reconhecido a partir dos grandes e importantes protagonistas cinematográficos, como a Temple Grandin³ e Raymond (*Rain Man*)⁴, com seus potenciais *savants*⁵, hoje é caracterizado como um Transtorno do Espectro Autista (TEA), com a abertura para existência de vários níveis de dificuldades no espectro, bem como com a inclusão de muitas potencialidades. Pertencente ao DSM-V e ao CID F-84.0⁶, o TEA refere-se a um grupo de transtornos caracterizados por um espectro compartilhado de prejuízos qualitativos na interação social, associados a comportamentos repetitivos e interesses restritos pronunciados (AUTISMO & REALIDADE, 2016). Dentro deste diagnóstico, já nos primeiros meses de vida, as crianças demonstram dificuldade de se relacionar, de manter contato visual, apresentam preferências limitadas, além de terem dificuldade com a linguagem oral. Estes fatores implicam em limitações na socialização e desenvolvimento infantil, colocando estas crianças num mundo particular, com conexões restritas. Dados do *Center of Diseases Control and Prevention*⁷ (JUNIOR, 2014), órgão ligado ao governo Norte Americano, indicam a existência de um caso de autismo para cada 68 pessoas (1,47%) e, se considerada a população entre 3-17 anos, o número é de 1 para 45 pessoas (2,22%). Estes números aumentam à medida que as metodologias ficam mais precisas e os

³ Temple Grandin. Autista, bacharel pelo Franklin Pierce College e com mestrado em Ciência Animal na Universidade Estadual do Arizona, é Ph.D. em Ciência Animal, pela Universidade de Illinois. (JUNIOR, 2012)

⁴ Raymond é um personagem autista, protagonista do drama norte-americano *Rain Man*, 1988, de Berry Levinson.

⁵ A síndrome de *savant* é considerada um distúrbio psíquico com o qual a pessoa possui uma grande habilidade intelectual, uma memória extraordinária, aliada a um déficit de inteligência. É encontrada em uma a cada dez pessoas com autismo (UNIVERSO AUTISTA, 2016).

⁶ DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) é um guia para diagnóstico formal, publicado pela Associação Psiquiátrica Americana. O DSM-V é o código que classifica o Transtorno do Espectro do Autismo. No Brasil é utilizado o CID (Classificação Internacional de Doenças), contemplando no CID F84 os Transtornos Globais do Desenvolvimento. (AUTISMO E REALIDADE, 2016).

⁷ CDC – *Center of Diseases Control and Prevention*: Centro de Controle e Prevenção de Doenças. (JUNIOR, 2014)

diagnósticos tornam-se mais precoces. Elevam-se os casos diagnosticados e, conseqüentemente, as experiências interacionais entre os grupos de indivíduos que compartilham a mesma vivência.

Uma condição de diferença, por premissa, traz desordem na rotina social. A busca por informações, tratamentos, apoio e consolo, oportuniza o aproximar de experiências vividas no cotidiano de outros indivíduos incluídos na mesma realidade. Formam-se grupos, trocam-se experiências, depoimentos, acontecem exposições ou recolhimentos, surgem mobilizações e interações sociais diversas. Nascem discursos, ideologias e estigmas, comunicações efetivas e também a banalização do autismo, por conta do consenso tácito que circula e nutre o saber comum.

Neste contexto social e cultural, intensificado pela experiência a partir do uso dos dispositivos tecnológicos como celulares e *smartphones*, os sujeitos, em suas vidas cotidianas, têm promovido práticas interacionais, trocas de apoios, narrativas testemunhais, além de reivindicações diversas, antes destinadas aos grupos presenciais de ajuda, bem como ao convívio familiar e social mais próximo. O êxito das redes sociais, *blogs*, portais de informação, entre outras plataformas digitais com o compartilhamento instantâneo de dados, permite que os indivíduos ampliem sua ação, que agora pode ter alcance global, com possíveis efeitos sociais e na cidadania. Neste caso, os relatos de experiências do universo autista, nas mídias sociais, surgem de anônimos, celebridades, profissionais da educação, médicos e por especialistas em tratamentos e terapias, revelando fatores culturais, bem como explorando a partilha de emoções.

Portanto, é pelo viés cultural que a observação destes eventos, que culminam nos usos tecnológicos, ganha força. São as experiências do cotidiano que revelam os fatores culturais de uma sociedade. Apenas compreendendo a cultura como “todo um sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual” (WILLIAMS, 1969, p.18), é que esta reflexão se torna válida. Afasta-se, desta forma, o risco de valorizar tais aparatos tecnológicos como sendo responsáveis pelas mudanças sociais, econômicas e culturais, defendidos pelo determinismo tecnológico.

Diante desta problemática, este texto objetiva refletir sobre o uso da tecnologia como forma de experiência comunicacional e cultural entre grupos que vivem o autismo. De maneira específica, indica que a experiência cultural é compartilhada

através do uso da tecnologia, bem como defende que a conexão acontece na vida e no cotidiano.

Este artigo acadêmico tem, na metodologia, objetivo exploratório, com procedimentos de coleta de dados bibliográfico, de natureza qualitativa. Constituindo geralmente a primeira etapa de uma investigação, a pesquisa exploratória, conforme Gil (2009), tem como principal finalidade esclarecer conceitos e ideias, habitualmente envolvendo o levantamento bibliográfico, documental, entre outros. Destaca-se que não é a tecnologia o foco do estudo, mas sim o seu uso que influencia as práticas e processos comunicacionais. Por isso, a abordagem teórica permeia noções de cultura e experiência comunicacional como aspectos fundamentais para a reflexão tecnológica.

Por fim, o trabalho utiliza como objeto empírico uma postagem do apresentador Marcos Mion⁸, em seu perfil da rede social *Facebook*, no dia 2 de abril de 2016, para demonstrar uma situação que caracteriza um exemplo de prática comunicacional, que faz uso da tecnologia como forma de experiência comunicacional e cultural, numa conexão “azul⁹”, aproximando públicos que vivem o autismo. Foi nesta data que, em 2007, ficou decretado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o dia mundial da conscientização do autismo. Após Romeo, seu filho mais velho, ter sido diagnosticado com o transtorno do espectro autista, Mion tem utilizado suas redes sociais para abordar o tema, no intuito de dar notoriedade ao assunto, aproximar pessoas que convivem no universo autista e contribuir para a ressignificação do autismo, através das suas potencialidades.

A postagem, identificada pelas figuras 1 (texto) e 2 (imagem), convida o seguidor para uma luta a favor do autismo. Com 30 dias da data da postagem, o conteúdo tinha atingido 386 mil curtidas, mais de 37 mil compartilhamentos e superou 7 mil comentários.

⁸ Marcos Mion é apresentador do Programa de TV Legendários, da Rede Record, ator e empresário brasileiro. Estudou filosofia na Universidade de São Paulo e cursou Comunicação e Artes do Corpo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É casado com a designer de moda Suzana Gullo e pai de três filhos: Romeo, Stefano e Donatella.

⁹ Azul é considerada a cor do autismo, pelo fato de que o transtorno do espectro autista afeta, predominantemente, os meninos.

Figuras 1 e 2 – Post: 2 de Abril - Hoje é o Dia da Conscientização sobre o Autismo



Fonte: Facebook/MarcosMionOficial (2016).

A experiência comum e cultural é compartilhada através do uso da tecnologia

Como artista, apresentador de programa televisivo e empresário, Marcos Mion já tinha razões para se aproximar dos aparatos tecnológicos e de mídias sociais. Porém, o grande movimento de aproximação acontece quando o assunto é o Romeo, seu filho mais velho, autista. Numa das postagens sobre a experiência com o menino que alcançou maior notoriedade, Mion compartilha lições que aprendeu com o filho autista, referindo-se ao seu inusitado pedido de Natal: uma escova de dentes azul. A publicação, que aconteceu dois dias após o Natal de 2015 e em menos de meia hora já tinha mais de 1.000 curtidas, revela o sentimento do apresentador ao relatar a lição de vida contida na experiência com Romeo. “Sinto-me abençoado e extremamente feliz por ter sido escolhido por Deus para ser pai de uma criança autista, ou como eu prefiro dizer, o guardião de um anjo: o meu Romeo”, descreve Mion em seu perfil. O texto ganhou notoriedade nacional, foi reproduzido em muitos *blogs*, portais, revistas e em programas de TV. A partir desta partilha do comum, o autismo, Marcos Mion parece compreender a sua representatividade entre os grupos unidos pela mesma causa, intensifica suas postagens e se torna reconhecido, em especial nas redes sociais, como o pai do Romeo.

Neste ritmo, em 2 de abril de 2016, lança o texto escolhido para esta análise e evidencia o dia da conscientização sobre o autismo.

Este fato ilustra a importância do “comum” entre os indivíduos. É o comum que aproxima grupos de interesses, que permite o desenvolvimento, a partilha e a troca, e que dá sentido ao conceito maior da comunicação. A partir destas associações conceituais, Duarte (2003) forma o conceito de comunicação como algo pertencente a muitos, partilhado, que se pode comungar ou tornar comum.

Foi pelo uso da rede social e da tecnologia que, neste caso, aconteceu a experiência do encontro entre os agentes comunicacionais. As redes sociais, na Internet, permitem estas "trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador" (RECUERO 2014, p. 94). As pessoas se relacionam num ambiente interativo, no qual predomina uma forma não linear e sem hierarquias, mas sim em rede. As curtidas, os compartilhamentos e, em especial os comentários de pais, familiares e de grupos que possuem o autismo como vivência comum, revelam a troca, o entendimento e partilha, ações que só acontecem a partir da interação humana, e que faz da comunicação um processo social. Assim, as práticas sociais das classes que buscam reconhecimento encontraram nas redes sociais um ferramental propício para se organizar, expressar seus pensamentos, declarar suas lutas e testemunhos, bem como agregar seguidores ao seu entorno que, em conjunto, possam se engajar, posicionar, solidarizar e sentirem-se mais fortes.

Neste contexto percebe-se a comunicação como um processo vivenciado, em movimento, visto que um *post* sobre uma experiência abre caminho para tantos outros relatos. Nele, é o próprio indivíduo que carrega a condição de produzir novos significados para o autismo, de interagir e se desenvolver, ao invés de apenas reproduzir os significados já existentes. No mesmo espaço de visibilidade e a partir de narrativas das próprias vidas, partilham anseios morais e políticos, presentes culturalmente.

Mesmo pelos indícios culturais que motivam estas aproximações, os números expressivos de curtidas, compartilhamentos e comentários, além da mobilização dos seguidores, que direcionam as interações do cotidiano para os aparatos tecnológicos, surge facilmente a ideia da migração destes grupos de indivíduos para um novo espaço. Esta tendência direciona a análise pelo viés do determinismo tecnológico que, para este estudo, considera-se um risco. Kerckhove (2015), pesquisador contemporâneo das

novas mídias e o desenvolvimento social e que dá continuidade à linha de pesquisa de McLuhan, por exemplo, defende a importância de se analisar os modos com que as “mídias modificam nossos ambientes e como as pessoas são transformadas pelo uso destas, às quais estão expostas cotidianamente”. Em determinismo tecnológico, Williams (2005, apud MARQUIONI, 2013) considera que as novas tecnologias são abordadas como estabelecendo as “condições para a mudança social e o progresso, e são inventadas como se estivessem em uma esfera independente, a partir da qual são criadas novas sociedades ou novas condições humanas”.

Aqui, entende-se que não há transformação das pessoas pela tecnologia, bem como não existem novos espaços. Os indivíduos não entram em uma nova esfera ao se conectarem ao *Facebook*, mesmo porque não se deslocam do seu lugar de origem. As tecnologias trazem avanços importantes, evidentemente, mas o que pode ocasionar transformação é, portanto, o uso das tecnologias enquanto processo ou prática de interação social. Em face disso, é que se retoma o foco para a experiência comunicacional que emerge dos fatores culturais.

Logo de início, a primeira parte da postagem de Mion (2016) traz uma reivindicação, um convite para que a sociedade lute a favor do autismo, indicando-o não como uma doença, mas sim como uma condição atual, contemporânea, diferente e pouco conhecida:

Pq não dizemos que é o dia da ‘luta contra’? Pq autismo não é uma doença, é uma condição. A falta de informação gera um medo e o preconceito. Por isso, hoje é dia de gritar pro mundo todo: **SOU MUITO FELIZ E ABENÇOADO POR DEUS POR TER A HONRA DE CONVIVER COM O ROMEO**, meu filho que está no espectro autista. (MION, 2016)

Neste trecho, transcrito de forma direta, o apresentador permite compreender que a reflexão e a notoriedade do assunto acontecem sobremaneira por conta dos fatores culturais, sociais e demográficos atuais: a elevação do número de diagnósticos de pessoas com o TEA, a procura por tratamento e atendimento especializado, a instituição mundial de uma data específica para promover a conscientização, a necessidade de ressignificação deste conceito tácito, bem como a busca por apoio e reconhecimento. Tratar o autismo como uma condição é uma forma de ressignificação. Já a indicação da importância da informação é um conselho que pretende diminuir o medo por parte dos

que vivem próximos desta condição, bem como evitar o preconceito, próprio da sociedade desinformada.

Na sequência surge o apelo de “gritar para o mundo todo”, seguido do texto em caixa alta, chamativo, que expressa gratidão e honra. Estes elementos, entendidos neste tempo, configuram uma prática social que demonstra expansividade, ou seja, a busca pelo direcionamento das atenções do mundo, para que notem o autismo (grito) e o enxerguem através da ótica da alegria, honra e gratidão. Desta forma, afasta-se o olhar do determinismo tecnológico, ou seja, da tecnologia como responsável por estes fatores, e direciona-o para o emissor, a mensagem, o público comum e para as práticas e processos relacionados aos usos destas tecnologias, para se fazer comunicação.

A partir deste exemplo, permite-se a reflexão de que a natureza da cultura provém dos mais ordinários significados comuns, quanto daqueles mais refinados significados individuais, para designar todo um modo de vida. (WILLIAMS, 1958).

A cultura é de todos: este o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa tudo isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. (WILLIAMS, 1958, p.4)

É na vida, portanto, que os elementos comuns dão conta de promover a aproximação, resultando em grupos de pertencimento cultural. Neste sentido, esses grupos acessam as mesmas experiências vividas, a partir do outro. Portanto, é plausível defender que o movimento notório, responsável por milhares de curtidas, compartilhamentos e comentários, se dá pela experiência comum entre os agentes comunicacionais. O aparato tecnológico, em uso, sem os protagonistas, a mensagem, o público e os interesses comuns, próprios de uma cultura, não faria sentido. O que muda, então, é a forma de aproximar-se, é a experiência como processo comunicacional, a partir da tecnologia e das redes sociais.

Para complementar esta prática de interação a partir da cultura da vida, direcionando-a ao campo da comunicação, indica-se que o processo comunicacional é ativado pela superfície de contato, pelas relações provenientes destas trocas de sentidos,

através da experiência da comunhão, um ato de comunicar como sendo um encontro de fronteiras perceptivas. A emergência de uma superfície comum de troca, o compartilhamento e o tratamento do eu com o outro, formam uma composição, uma relação produzida entre estes sujeitos, conscientes, que estão em movimento e não em uma estrutura congelada. (DUARTE, 2003)

Para Merleau-Ponty (1945 apud DUARTE, 2003, p. 47) é na troca entre os protagonistas da comunicação que ambos são arrastados para uma zona na qual todos perdem algo de si, no sentido de que, pela partilha, um agente passa a ser composto por algo do outro.

Na segunda parte do texto postado na rede social, também transcrito de forma direta, Marcos Mion se coloca em experiência compartilhada, empresta sua voz ao coletivo e, enquanto sujeito plural (somos / vivemos), assume o pertencimento ao grupo, que se apresenta, mais uma vez, reivindicando reconhecimento e um novo significado.

Como sempre falo, somos muito mais felizes do que quem olha torto ou não "deseja o mesmo pra si", pois vivemos com um anjo iluminado por Deus que nos traz a pureza e o amor TODOS OS DIAS! Vcs tem noção o privilégio disso?? Se vc tem um autista na sua família, parabéns!! Vc tb é um dos escolhidos!! Já somos mais de 2 milhões de famílias! Se informe, perca o medo! Quanto antes vc aprender e puder conviver com uma criança q faz parte do TEA, melhor pra vc! ♡
(MION, 2016)

O apelo textual se fortalece pelo conjunto de imagens apresentadas, numa sequência de fotografias que conduzem para a identificação de uma criança autista, por vezes tida como um indivíduo tímido, resguardado e com pouca demonstração de emoções, mas que, desta vez, surge envolta de afetos, sorrisos, com olhar direcionado¹⁰ ao do pai e à câmera fotográfica e, em especial, conectada com o outro, ao invés de isolada ou alheia aos acontecimentos do mundo. Assim, o uso dos vários aparatos tecnológicos, como a Internet, a rede social e a câmera fotográfica, contribuem para uma conexão azul, metaforizada desta forma, nesta análise, em referência à cor que simboliza o autismo. Enfim, o uso da tecnologia é que permite a conexão que, neste

¹⁰ É comum crianças autistas fazerem pouco contato visual com outras pessoas ao seu entorno, mesmo que esteja interagindo com elas. Este fato intensifica a formação do conceito da criança alheia, desconectada. (AUTISMO E REALIDADE)

caso e, ao menos no entorno da postagem, pôde ser azul em benefício do apelo à ressignificação do autismo.

Figura 2 – Post: 2 de Abril - Hoje é o Dia da Conscientização sobre o Autismo



Fonte: Facebook/MarcosMionOficial (2016).

Desta maneira, entende-se que a experiência é, de fato, uma resposta aos fatores culturais e sociais, e aos seus anseios. Noutro tempo tais reivindicações já aconteciam de outras formas, como em grupos menores, nos programas de TV, nas conferências de associações médicas ou nas escolas. Hoje a abrangência e a velocidade são maiores, pois a tecnologia se ampliou e ficou mais acessível. Porém, fica claro, também, neste exemplo, que uma tecnologia não eliminou a outra. O contato pessoal não foi eliminado pela relação virtual, a fotografia não foi substituída pelo vídeo, o texto não eliminou a voz, mas sim, a experiência acontece no uso conjunto destes e outros recursos, acessíveis pela multiplicidade de usos que a conexão da Internet permite ou não, inclusive considerando as diferenças de usos e anseios presentes na diversidade cultural dos grupos.

Esta constatação se justifica, inclusive, pelos estudos de Daniel Miller (2013, p.165 e 168) quando esclarece que a “Internet não é uma coisa e não tem forma material clara”, ou quando a torna “mais bem-compreendida não como tecnologia, mas como plataforma que habilita pessoas a criar tecnologias, as quais, por sua vez, são desenhadas para funções particulares”. Estas funções particulares seriam, portanto,

criadas a partir dos anseios culturais de um povo. Desde as mais simples páginas corporativas ou *blogs* pessoais, aos robustos portais de notícias e entretenimento, alcançando as redes sociais, todos correspondem aos gêneros culturais.

Assim, logo deixamos de pensar em tecnologia da comunicação apenas como coisas, ou capacidades, e começamos a vê-las como análogas à arte da sedução: modos de nos fazer parecer atraentes para a pessoa com quem nos comunicamos. Claro, a sedução é apenas uma das coisas que estão em jogo aqui. A questão mais ampla é que as tecnologias de comunicação são essencialmente gêneros culturais, e que a melhor maneira de apreciá-las é comparável à que usamos para outros gêneros culturais. (MILLER, 2013, p.170)

Retomando o exemplo do apresentador, pai de Romeo, a partir do viés dos gêneros culturais que direcionam o uso da tecnologia, neste caso a rede social, entende-se que se trata de uma forma de seduzir seus seguidores e também as pessoas que vivem a mesma realidade, conectando e apresentando-se de forma atraente, destacando as potencialidades.

A conexão acontece na vida e no cotidiano

Após a publicação, não apenas pela tecnologia, mas de modo particular pelo assunto comum que é codificado em forma de um discurso significativo, a postagem passa a ser curtida, compartilhada e comentada. Acontece a conexão, a interação pela partilha do que existe de mais ordinário, nas vidas destas pessoas: o cotidiano autista. Marcos Mion torna-se celebridade na rede por ser pai do Romeo e, neste ponto, existem muitas pessoas iguais a ele que fazem questão de se manifestar. É importante destacar a diferença existente na experiência vivida por uma celebridade, em relação aos indivíduos anônimos. Porém, esta reflexão, aproxima as situações que os indivíduos que convivem com o sujeito autista comungam, num espaço de fala.

Nota-se que, para que a mensagem publicada produzisse efeito, precisou primeiro ser apropriada com um discurso significativo para que pudesse, em seguida, ser significativamente decodificada. Afinal, é “esse conjunto de significados decodificados que ‘tem um efeito’, influencia, entretém, instrui ou persuade, com

consequências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas”. (HALL, 2003, p.368)

Como resposta surgiram outros emissores, novos “Mions” com seus “Romeos”. Em um dos comentários classificados como mais notórios em números de curtidas e respostas, uma mãe parabeniza Mion e se inclui no contexto, apresentando também o seu filho dentro do espectro autista. Relata a sua experiência quando, num diálogo, seu filho diz que, se houvesse cura para o autismo, gostaria de permanecer do jeito que é, o que a leva às lágrimas. O filho ainda questiona: “daqui 18 anos eu estarei preparado para o mundo, mas será que o mundo estará preparado para mim, mãe?

Esta mensagem, com elemento próximos ao texto do apresentador, apresenta-se num discurso significativo, com elementos que revelam um sentimento comum daqueles que vivem o autismo no cotidiano da vida e que, por consequência, podem decodificá-la. Mais uma vez, a mensagem tem efeito. Já os próximos exemplos de comentários (figuras 3 a 6), além da codificação verbal, as postagens se assemelham também pelos códigos presentes nas imagens.

Observa-se, através destas fotografias, as semelhanças com a postagem inicial, feita com Romeo. Nestas, os sorrisos dos pais, as cores azuis, a interação das crianças, felizes, afastam as situações de diferenças. Na figura 3, a mãe apresenta seu filho Bernardo, como o seu Romeo, buscando a partilha e a identificação com o apresentador. Junto da família, o pai (figura 4) também interage valorizando o mundo autista, contrapondo-se ao mundo típico, real, numa crítica aos problemas sociais nele existente. Finaliza indicando que “a nossa diferença é igual a de todas”.

Figuras 3 e 4 – Comentários do post: 2 de Abril - Hoje é o Dia da Conscientização sobre o Autismo

 Esse é o meu Bernardo, o Romeu da minha vida Mion. Meu mundo se agigantou para ele caber dentro. Eu tenho o privilégio de ser mãe de autista como muitos aqui. Viva nossas crianças. Viva os autistas



Curtir · Responder ·  499 · 2 de abril às 17:47

↳ 3 Respostas

 Mion, sou seu fã. Cada dia mais!

"...Se o mundo é mesmo parecido com o que vejo prefiro acreditar no mundo do meu jeito..."

Nossa diferença é igual a todas as outras!



Curtir · Responder ·  83 · 2 de abril às 19:03

↳ 2 Respostas

Fonte: Facebook/MarcosMionOficial (2016).

Figuras 5 e 6 – Comentários do post: 2 de Abril - Hoje é o Dia da Conscientização sobre o Autismo

 Todas as palavras expressadas aqui descrevem unicamente o Amor que essas crianças sentem por nós e agente aprende com eles o quanto é bom Amar sentir esse carinho, esse amor, essa paixão por simplesmente eles estarem nas nossas vidas. O nome do meu garoto é João Pedro, o Amor da minha vida assim como o irmão dele José Bento. Parabéns Mion, é tudo isso que você falou.



Curtir · Responder ·  40 · 2 de abril às 20:43

 Meu anjo azul chama pedro, semana q vem ele completa 7 aninhos, e a maior alegria nas nossas vida, cada dia a gente se surpreende com ele, as pessoas q olham torto não sabe o privilegio que e ser mae de um ser tao doce, amoroso e carinhoso que e meu filho, nos pais amamos o amamos muito, que deus abençoe todos os anjos!!!!



Curtir · Responder ·  1.332 · 2 de abril às 16:52 · Editado

Fonte: Facebook/MarcosMionOficial (2016).

Nos comentários 5 e 6, os textos destacam o reconhecimento da experiência de amor, vivida em comum por estas famílias, aproximando-se entre si, pelo sentimento de gratidão que lhes é promovido pelo contato com estas crianças. Em todos estes exemplos, portanto, são reveladas as conexões a partir do cotidiano da vida, da cultura ordinária, como defende Williams (1958).

A cultura presente nas mídias, na tecnologia e, mais precisamente, no espaço aberto na rede social para esta aproximação de grupos com o mesmo interesse, não deve ser confundida, contudo, com uma cibercultura, devido ao alcance e extensão de seu desenvolvimento técnico. (HEPP, 2015) Este entendimento permite a compreensão de

que a cultura atual é tecnologizada, mas não é uma cibercultura, como se pudesse haver um novo espaço, uma nova cultura, diferente ou tecnológica.

É neste sentido que, no estudo das mídias, faz-se necessário que a discussão dos fundamentos teóricos permeie o esclarecimento dos processos mediáticos, da influência que estes recursos causam na cultura e na sociedade, bem como uma reflexão sobre o processo de mudança presente neste termo. (HEPP, 2014)

A respeito dos modos de se conviver com as mídias, Deuze (2013) indica a presença de uma revolução midiática, da vivência na mídia diluída no cotidiano. A mídia é onipresente, cada vez mais rapidamente e profundamente difundida. Porém, mais que uma “zumbificação” ou alienação, devido ao uso intensivo e imersivo, é considerada benéfica quando oportuniza a chance de alguns engajamentos sociais, ou seja, torna os indivíduos mais bem equipados para abraçar o coletivismo, ao invés do individualismo.

Desta forma, defende-se que a experiência cultural dos indivíduos, a vida cotidiana que abarca seus anseios, buscas, preferências ou condições sociais, estão diluídas nas mídias, hoje conectadas através das redes e aparatos tecnológicos. Mas não se trata de um novo espaço, mas sim da cultura comum.

São nestes lugares, os possíveis, que surgem as manifestações comuns, as aproximações, os contrastes, as intrigas e os entretenimentos, as guerras, revoluções ou reivindicações, as manifestações de ódio, de amor e de paz, a comunicação, a conexão azul ou amarela, bem como a luta por reconhecimento.

Considerações finais

O autismo, fator responsável pela aproximação de grupos, às vistas de resignificação, reconhecimento e da troca de experiências vividas no cotidiano, motiva indivíduos a se conectarem, através de superfícies comuns de contato e de partilha. O estudo analisou a postagem do apresentador Marcos Mion com seu filho, Romeo, no dia 2 de abril de 2016, a fim de identificar estas práticas comunicacionais.

Neste contexto social e cultural, intensificado pelo uso dos dispositivos tecnológicos e das redes sociais, os sujeitos têm promovido práticas interacionais, testemunhais e reivindicações. Portanto, é pelo viés cultural que a observação destes

eventos, que culminam nos usos tecnológicos, ganha força. São as experiências do cotidiano que revelam os fatores culturais de uma sociedade. Entende-se que é através de uma perspectiva cultural de análise que se torna possível compreender os processos, experiências e, assim, entender as reações culturais do cotidiano.

Por isso, existe a cautela de não caracterizar os aparatos tecnológicos como sendo responsáveis pelas mudanças sociais, econômicas e culturais, ideia que caracterizaria o determinismo tecnológico. Afinal, não é a tecnologia que precisa ser estudada, pela ótica da comunicação, mas sim o seu uso que influencia as práticas e processos comunicacionais.

A reflexão sobre o uso da tecnologia como forma de experiência cultural, entre grupos que vivem o autismo, deixa claro que as formas culturais se mantêm, apropriadas às diferentes configurações de tecnologia da comunicação. Porém, esclarece que o que mudam são as experiências, visto que as formas culturais são muito maiores do que a tecnologia e que seus aparatos são periféricos.

Indica-se que a experiência é compartilhada através do uso da tecnologia e que a conexão acontece na vida e no cotidiano. É na vida que os elementos comuns dão conta de promover a aproximação, resultando em grupos de pertencimento cultural. Neste sentido, esses grupos acessam as mesmas experiências vividas, a partir do outro, fato que justifica o movimento notório em número de curtidas, compartilhamentos e comentários, em determinadas publicações, por exemplo.

Na análise da postagem de Marcos Mion, bem como nos comentários apresentados, são reveladas as conexões a partir do cotidiano da vida, da cultura ordinária, como defende Williams (1958), comum entre os que interagiram com a publicação, provenientes do discurso significativo.

Apresenta-se, no entanto, a cultura presente nas mídias como sendo tecnologizada, mas não confundida com uma cibercultura (HEPP, 2015). A respeito dos modos de se conviver com as mídias, Deuze (2013) indica a presença de uma revolução midiática, da vivência na mídia diluída no cotidiano. A mídia é onipresente e pode ser considerada benéfica quando oportuniza a chance de alguns engajamentos sociais, com indivíduos mais bem equipados para abraçar o coletivismo, ao invés do individualismo.

Por fim, constata-se que o uso da tecnologia contribui com a forma de entender a vida e a cultura do cotidiano, influenciando nas práticas de comunicação e em seus

processos. Defende-se que a experiência cultural dos indivíduos e a vida cotidiana estão diluídas nas mídias, conectadas através das redes e aparatos tecnológicos, mas que não se trata de um novo espaço, e sim da cultura comum. Trata-se de uma experiência que permite estar junto, mesmo em tantos lugares diferentes.

Referências

AUTISMO & REALIDADE. **Diagnóstico do autismo**. Disponível em: <<http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/diagnosticos-do-autismo/>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

DEUZE, Mark. **Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver)**. In: Revista MATRIZES, Ano 7, nº 2. São Paulo: 2013.

DUARTE, Eduardo. **Por uma epistemologia da comunicação**. In LOPES, Maria Immacolata Vassalo (Org.). Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003, pp 41-54.

FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, Cesar. **Experimentando as narrativas do cotidiano**. In FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, Cesar. (Org.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, pp 89-108.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª ed., São Paulo: Atlas, 1994.

HALL, Stuart. **Codificação/decodificação**. In: Sovik, Liv (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HEPP, Andreas. **As configurações comunicativas de mundos midiáticos**: pesquisa da mediação na era da "mediação de tudo". MATRIZES. V. 8 - Nº 1, São Paulo: 2014.

HEPP, Andreas. **O que a cultura das mídias (não) é**. In: Revista Interin, v. 19. n.1. p. 03-23. Curitiba: 2015.

JUNIOR, Paiva. **Temple Grandin fala e entrevista exclusiva para a Revista Autismo**. Revista Autismo. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/edic-0-3/temple-grandin-fala-em-entrevista-exclusiva-para-a-revista-autismo>>. Publicado em 21 dez. 2012. Acesso em: 5 jul. 2016.

JUNIOR, Paiva. **Casos de autismo sobem para 1 a cada 68 crianças**. Revista Autismo. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/noticias/casos-de-autismo-sobem-para-1-a-cada-68-criancas>> Publicado em 28 mar. 2014. Acesso em: 5 jul. 2016.

KERCKHOVE, Derrick de. **E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico**. Matrizes. V 9, N 1, jan./jun. 2015. p. 53-64.

MARQUIONI, Carlos Eduardo. **Quando a TV vai além da sala de estar:** por uma análise cultura dos usos dos novos dispositivos tecnológicos. Revista GEMInIS, Ano 4, Nº1, Universidade Federal de São Carlos. São Paulo: 2013.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas:** estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MION, Marcos. **Facebook/MarcosMionOficial.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/MarcosMionOficial/?fref=ts>> Publicado em 2 abr. 2016. Acesso em 28 jun. 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** 2 ed. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2014.

UNIVERSO AUTISTA. **Síndrome de Savants:** o que é síndrome *Savant*. Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/altern8news/article.php?storyid=19>>. Acessado em: 5 jul. 2016.

VEJASP. **Marcos Mion revela presente inusitado que filho autista pediu no Natal.** Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2015/12/27/marcos-mion-filho-autista-facebook/>> Publicado em: 27 dez. 2015. Acessado em: 28 jun. 2016.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é ordinária,** p.2. Tradução, 1958.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade:** 1780-1950. São Paulo: Editora Nacional, 1969, p. 18